

# A CIDADE ANTIGA E A CIDADE ANTIGA CONTEMPORÂNEA

Gilberto da Silva Francisco<sup>1</sup>

Glaydson José da Silva<sup>2</sup>

“- Ah, impagável! Quer saber de outra? Tinha lido as cartas do Cônego Benigno, e resolveu ir logo ao sertão da Bahia, procurar a cidade misteriosa. Expôs-me o plano, descreveu-me a arquitetura provável da cidade, os templos, os palácios, gênero etrusco, os ritos, os vasos, as roupas, os costumes...”<sup>3</sup>

A cidade antiga depende da cidade contemporânea e a cidade contemporânea depende da cidade antiga. A nossa cidade é descrita, muito frequentemente, a partir de referências históricas nas quais a paisagem de cidades como Roma e de Atenas está fortemente presente. A cidade perdida no sertão baiano, no conjunto de referências do Cônego Benigno do “Anel de Polícrates” de Machado de Assis, é exatamente isso: uma cidade desconhecida, misteriosa; que, na criação discursiva, tem como base elementos da cidade mediterrânea antiga.

Ao mesmo tempo, as cidades antigas, tais como Roma e Atenas, são observadas e “reconstruídas” a partir de referências contemporâneas: Atenas, uma “cidade-museu” inspirada nas paisagens de exposições museológicas, como na obra *La Cité des Images*;<sup>4</sup> ou Atenas transitando entre a noção de uma cidade central, um modelo trans-temporal, como proposto por George Grote;<sup>5</sup> e a lógica de uma “cidade-exceção” no ambiente de desconstruções de firmes referências coloniais, como na obra de De Polignac,<sup>6</sup> que assentou o terreno no qual o “atenocentrismo” criado por Grote foi sendo paulatinamente atenuado e criticado em consistentes projetos de observação mais ampla sobre a cidade antiga, que se tornava cada vez mais plural.<sup>7</sup> Ou seja, quando mudamos, a cidade antiga também muda.

Outro exemplo disso é a atual inserção da lógica da cidade em paisagens mais amplas, conectadas e complexas que compõem uma perspectiva globalizada da cidade contemporânea. Assim, quando a cidade contemporânea se globalizou,

---

<sup>1</sup> Professor Doutor – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: [gisifran@gmail.com](mailto:gisifran@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Doutor – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil.

E-mail: [sglaydson@hotmail.com](mailto:sglaydson@hotmail.com)

<sup>3</sup> MACHADO DE ASSIS, J. M. de, “O anel de Polícrates”. In: *Papéis avulsos*. 1882.

<sup>4</sup> BÉRARD, C. et al. *Le Cité des images : religion et société en Grèce antique*. Paris: F. Nathann, 1984.

<sup>5</sup> *A History of Greece; from the Earliest Period to the Close of the Generation Contemporary with Alexander the Great* (12 vols.), 1846–1856.

<sup>6</sup> *La naissance de la cité grecque*. Cultes, espace et société, VIIIe-VIIe siècles avant J.-C. Paris: Éd. de la Découverte, 1984.

<sup>7</sup> Ver, por exemplo, BROCK, R.; HODKINSON, S. *Alternatives to Athens. Varieties of political organization and community in ancient Greece*. Oxford: Oxford University Press, 2000 e HANSEN, M. H.; NIELSEN, Th. H. *An inventory of Archaic and Classical poleis*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

ao mesmo tempo, a cidade antiga foi globalizada. E, além disso, os pontos de referência para a articulação do discurso sobre a cidade antiga também são fundamentais: a cidade de Fustel de Coulanges baseada na religião;<sup>8</sup> a cidade de Gordon Childe observada a partir dos modos de produção no seio da “Revolução Urbana”;<sup>9</sup> a cidade de Max Weber, na qual o elemento central é o *homo politicus*, por oposição ao *homo economicus* da cidade medieval;<sup>10</sup> entre outras.

Dessa forma, considerando a grande importância de entender essas duas “cidades” (a antiga e a contemporânea) em paralelo, e mesmo a sua co-dependência, é imperativo refletir sobre a cidade antiga a partir de seus vestígios, mas também a partir de seus interpretadores e a dinâmica de tendências que a colocam no centro do debate sobre o mundo clássico na Antiguidade e suas complexas conexões com o “mundo ao redor”. É nesse ambiente que conceitos importantes aparecem para descrever a organização dessas cidades: pólis, política, cidade-estado, mercado, redes, paisagens, conexões, identidades etc.

É nesse intuito que a **Revista Heródoto** apresenta o dossiê “Cidades e periferias no mundo Antigo”; contribuindo com mais um modesto tijolo na construção de um cenário amplo e crítico sobre a cidade antiga a partir dos aspectos discursivos e materiais que a compuseram, e continuam a compor, os debates que denunciam a sua complexidade. Assim, acreditamos que, enquanto o debate sobre ela existir, a cidade antiga continua viva, ativa e uma referência fundamental para se pensar a cidade que vivemos.

As contribuições do dossiê “Cidades e Periferias no Mundo Antigo” abordam várias das questões acima colocadas em profundidade, assim como a entrevista muito gentilmente concedida à nossa revista pela Professora Maria Beatriz Borba Florenzano (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, MAE-USP); que também colaborou com a organização deste dossiê. Assim, agradecemos muitíssimo à Professora Florenzano pelo apoio, bem como aos que contribuíram para este número da **Revista Heródoto**.

Desejamos uma excelente leitura a todos.

---

<sup>8</sup> FUSTEL DE COULANGES, N.-D. *A Cidade Antiga*. São Paulo: Ed. das Américas, 2006.

<sup>9</sup> CHILDE, V. G. *O que aconteceu na História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

<sup>10</sup> WEBER, M. *Economia e Sociedade*. São Paulo: Ed. UNB, 2004.